



RESISTÊNCIAS

AFRICANA & AFRO-BRASILEIRA

NO BRASIL COLONIAL

IGOR DA SILVA ROVRO E LUANA APARECIDA SANTOS

IGOR DA SILVA ROVIRO E LUANA APARECIDA SANTOS

**RESISTÊNCIAS
AFRICANA & AFRO-BRASILEIRA
NO BRASIL COLONIAL**

JATAÍ-GOIÁS
2021

APRESENTAÇÃO

Este material didático foi construído com o objetivo de auxiliar os alunos do ensino médio a compreender o processo traumático do *desraizamento* vivido pelos escravizados africanos, bem como de suas estratégias para sobreviver, e de suas reinvenções de tradições e símbolos culturais. Este material que serve como um tipo de revista que possa ser utilizado em sala de aula, mas também que o aluno possa levar para casa e usufruir. Este trabalho foi produzido por graduandos do curso de licenciatura em História pela Universidade Federal de Jataí - UFJ, para a disciplina de Brasil I, sob orientação da professora. Dra. Sandra Nara Novais.

Diante de um processo sistemático e traumático da vinda dos africanos para o Brasil, culminou em um *desraizamento*, territorial, familiar e etc., mas que a partir das múltiplas relações culturais existentes; tais como as tradições religiosas africanas, as irmandades negras, e apesar das diferenças étnicas, possibilitou diálogos, reconstruções simbólicas, reinvenções de tradições que possibilitaram reafirmar seus laços culturais e vínculos. Com isso, possibilitou também inventar os próprios meios para alcançar a liberdade.

Para alcançar tal objetivo, propomos neste material a utilização de músicas de artistas negros contemporâneos, em específico trata de dois artistas, a cantora Luedji Luna e o cantor Mateus Aleluia, que se propõe a pensar o negro no Brasil. Estabelecendo neste material um olhar para o passado a partir do presente, e perceber as continuidades ou não que possam existir. Não se trata aqui de uma análise musical, mas sim de sentir a musicalidade, que a nosso ver pode nos levar e tocar em lugares desconhecidos e necessários. Acreditamos que, às músicas selecionadas nos fornece a faísca para o debate a respeito do negro no Brasil.

É importante aqui fazer a devida referência para construção deste trabalho, o qual serviu de base e inspiração, que é o livro *Uma história do Negro no Brasil* (2006) de Walmyra R. de Albuquerque e Walter Fraga Filho, e que porventura possa servir de texto de apoio ao professor.

Uma nota de observação: é interessante que o professor que irá utilizar desse material, passe primeiramente aos alunos os vídeos (cada etapa), em seguida deve-se tomar nota da recepção dos alunos a

UM CORPO NO MUNDO - LUEDJI LUNA



Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA&ab_channel=ybmusic>. Acesso em Abr. 2021.

Apropriadamos dessa música com o sentido de pensar esse corpo que tem cor e história, e que foi separado de seu lugar pelo mar atlântico, nas travessias em condições desumanas. Estes corpos chegaram fragilizados e marcados pelo rompimento com seu espaço. Nos desembarques nas mais diversas praias do Brasil, ao longo dos séculos que perdurou o tráfico negreiro mesmo depois na clandestinidade, logo os cativos percebiam que a sobrevivência no Novo Mundo seria o grande desafio. De aí em diante teriam que conviver com o

trauma do *desenraizamento* da terra dos ancestrais. Arrancados de suas terras, rompiam os laços familiares, parentes, amigos, amores e etc.

No Brasil percebiam que estariam a partir daquele momento eram sujeitados à condição de propriedade, e com isso, podiam ser vendidos, leiloados, permutados por outras mercadorias, ou seja, a qualquer momento sem o seu consentimento podiam ser levados para os lugares mais remotos deste território continental.

Um Corpo no Mundo Luedji Luna

Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração
Um adeus

Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte

E Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queria mais
Je suis ici agora

Cada rua dessa cidade cinza sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas

E palavra amor, cadê?
Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici ,ainda que eu não queira mais
Je suis ici, agora
Je suis ici
E a palavra amor cadê?

RESISTÊNCIA NA ÁFRICA E NA TRAVESSIA

Cabe ressaltar aqui, que estas travessias não se davam de forma harmoniosa, muito pelo contrário a resistência ocorria muito antes de entrar nessas embarcações. A luta já se iniciava na África, ao se negarem a deixar suas terras, famílias, culturas e histórias na África. Quando capturados eram colocados em armazéns, à espera da formação do carregamento se completar. O momento de espera não era marcado pela calma, os capturados resistiam e realizavam rebeliões (LEITE, 2017).

A imagem ao lado, pintura feita por Seth, é interessante no sentido de nos possibilitar compreender as condições desumanas perpetuadas nos navios negreiros, como parte deste capitalismo e das suas contradições que tornava humanos em propriedade, entretanto podemos e devemos problematizá-la. Podemos considerar a pintura limitada por não dar uma dimensão mais ampla. Uma vez que a imagem possa transparecer uma passividade diante das armas que dispunham os marinheiros, no entanto os registros mostram que a relação entre os cativos e os marinheiros eram conflituosas, os africanos organizaram rebeliões nas travessias quando possível, assassinava os marinheiros e os jogavam ao mar, com isso, tomavam o controle da embarcação. Muito embora as vezes a resistência tornava-se impossível, restavam-lhes aguentar as condições desumanas da travessia.

É nesse sentido, que sugerimos outra música para que contribua ao debate. A música escolhida é de Mateus Aleluia, canção chamada “Confiança”. Na música há alguns pontos importantes para o que estamos colocando, nela há elementos relacionados a travessia e a mão-de-obra escrava, no

Figura 1 - Navio negreiro (1940?) de Seth



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (BNDigital).

qual construíram este país.

Estima-se que mais de 4 milhões de africanos chegaram ao Brasil (ALBUQUERQUE; FILHO. 2006, p. 39), muito se deu pela necessidade da mão-de-obra para produção em larga escala, e aqui vale ressaltar que já existia o trabalho escravo antes da chegada dos africanos, o trabalho forçado era perpetuado pelos indígenas, chamados de “negros da terra”, há relatos que mesmo com a vinda dos africanos ao Brasil, indígenas desempenharam trabalho escravo em determinadas regiões do Brasil até meados do século XIX (ALBUQUERQUE; FILHO. 2006, p. 40).

O tráfico negreiro logo tornou-se um mercado lucrativo. A população escravizada no Brasil, era grande parte da população brasileira, no entanto ela era renovada pelo tráfico negreiro, que aumentava a demanda por diversas situações, como o crescimento econômico e principalmente pelo trabalho penoso que desempenhavam, sujeitos às condições adversas e trabalho excessivo, culminando em uma baixa expectativa de vida (ALBUQUERQUE; FILHO. 2006, p. 39),.

Porém havia diferentes formas de resistir, como fazer “corpo mole”, quebrar ferramentas, incendiavam plantações, agrediam senhores e os feitores, rebeliões individuais ou coletivas, ou mesmo sabotagem nos engenhos que acarretam em prejuízos econômicos e principalmente às fugas para os Quilombos (ALBUQUERQUE; FILHO. 2006; LEITE, 2017),.



Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=BHbKOn9brP4&ab_channel=SanzalaArt%C3%ADsticaCultural>. Acesso em Abr. 2021.

QUEM É MATEUS ALELUIA?

Mateus Aleluia é um cantor e compositor brasileiro, que fez parte da formação original da banda *Os Tingoãs* nos anos de 1960. Em 1983 mudou-se para Luanda na Angola à convite do Governo para desenvolver pesquisas culturais, ficou por lá por mais de vinte anos. Mateus traz em suas músicas a ancestralidade africana e o barroco.



REINVENÇÕES DAS TRADIÇÕES AFRICANA

Aqui sugerimos outra música, ainda do mesmo cantor Mateus Aleluia, a ideia da sugestão é mostrar a importância da religiosidade africana às duras penas da escravidão.

Foi apresentado no início deste material sobre a perda dos vínculos que os cativos tiveram ao serem arrancados de suas terras. No Brasil para o escravizado constituir uma família havia diversos obstáculos; um deles era tendência de se aproximar apenas dos membros de sua comunidade, e isso é compreensível diante das barreiras linguísticas e culturais que se apresentavam a eles, porém isso era um atenuante, uma vez que, muitos deles eram impedidos de ter relações com cativos de outras fazendas, limitava-se as opções para se construir uma família. Outro ponto importante era o número maior de homens referente às mulheres, já que eram trazidos pelo tráfico mais homens, isso tornava uma dificuldade relativa para constituição, mas fazemos o ressaltado aqui que, não se deve limitar a compreensão de família apenas entre homem e mulher, mas a constituição da família pode ser entendida por diversas formas de relações existentes. (ALBUQUERQUE; FILHO. 2006, p. 96-100)

É bem verdade que existiam barreiras étnicas, no entanto, no seio dessas comunidades colaboraram para preservar grande parte da cultura africana, que era transmitido de geração para geração. Nesse sentido, nos empenhamos em falar das “famílias-de-santo”, criadas no Candomblé. As “famílias-de-santo” foram importantes para ampliar os laços parentescos, burlando de certas formas as diferenças culturais. A partir do culto dos Ancestrais,

Mateus Aleluia e Thalma de Freitas - Cordeiro de Nanã



Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=XqPWV0M8B-o&ab_channel=VejaCompacto>. Acesso em Abr. 2021.

representou a possibilidade de recompor simbolicamente, os laços parentescos desfeitos na travessia ou mesmo no curso da vida escrava. Ao juntar diferentes etnias e agentes sociais, a “família-de-santo” terminou recriando redes sociais que não eram regidos pela estrutura escrava vigente, mas regidas por outras normas e hierarquias próprias. (ALBUQUERQUE; FILHO. 2006, p. 102)

A partir de diversas relações culturais, nasceram no Brasil e se desenvolveram estruturas religiosas novas. Combinando diversas tradições religiosas

Fotografia 1 - Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – Salvador (BA)



Fonte: Blog Sanctuary.Art.

africanas, que encontravam proximidades culturais, é o caso da junção entre JeJê e Nagô, que se uniram por encontrar aspectos em comum (ALBUQUERQUE; FILHO. 2006, p. 104).

Em relação adoção do catolicismo, principalmente dos santos e das santas por parte dos cativos e das imbuições que daí nasceram, se deu por outras vias e por escolhas feitas pelos escravizados a partir de suas próprias experiências com suas religiões e com as proximidades de suas tradições (ALBUQUERQUE; FILHO. 2006, p. 106). Nesse sentido, das adoções do santos e santas, para o me-

Fotografia 2 - Igreja Nossa Senhora do Rosário - cidade de Goiás



Fonte: página do facebook cidade de Goiás

lhor entendimento e aprofundamento da questão, sugerimos o artigo do Ronaldo Vainfas, em que aborda a respeito da plasticidade do Santo Antonio, o santo tomou proporções longevas nas religiões afro-brasileiras, em especial na umbanda, sendo este um dos mais importantes dentre os santos associado aos exus. Vainfas ressalta a importância da religiosidade sobre o prisma da resistência e dos usos políticos que se fez da santidade (VAINFAS, 2003. p.32). É justamente sobre o prisma da resistência da religiosidade africana que buscamos enfatizar neste trabalho.

Dado isso, as Irmandades Negras tiveram um papel fundamental na afirmação cultural que estamos tentando retratar. A Irmandade Negra criou uma rede de solidariedade, que tinha objetivo de ajudar as mazelas que sofriam os negros, como auxiliar no pagamento da alforria dentre outras ajudas necessárias. Além de se unir em comunidade, tornou-se um espaço importante dos que falavam a mesma língua, para compartilhar lembranças da terra natal de onde foram tirados, contribuindo para recriar os valores e símbolos culturais.

Os africanos e afro-brasileiros apesar da legalidade de diferentes religiões, não tinham liberdade para cultuar seus santos e deuses, apesar de terem muitas vezes a permissão para fazê-lo, mas permissão não pode ser confundido com liberdade (ALBUQUERQUE; FILHO. 2006). Na maioria das vezes as práticas afro-brasileira eram proibidas, consideradas menores, como curandeirismo, feitiçaria e etc., entretanto as elites locais permitiam o batuque para aliviar a tensão entre senhores e escravizados

CONCLUSÃO

Por fim, concluímos sobre a importância das religiosidades africanas e afro-brasileiras na resistência a um processo desumanizador, que perdurou pouco

mais de três séculos. As religiões bem como outras estratégias foram importantes e possibilitaram reatar laços parentescos, recriar tradições e referências culturais. E também inventaram os próprios meios para alcançar a liberdade.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

A proposta aqui sugerida é de que reuna os alunos em grupos e a partir da orientação do professor, os alunos façam apresentações de obras ou artistas, contruindo um dialogo com às condições dos negros no presente e no passado colonial.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, W. R; FILHO, W. F. Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais: Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

Disponível em: <http://www.africanos.eu/index.php/en/editions/e-books/e-b-non-ceaup/454-uma-historia-do-negro-no-brasil>

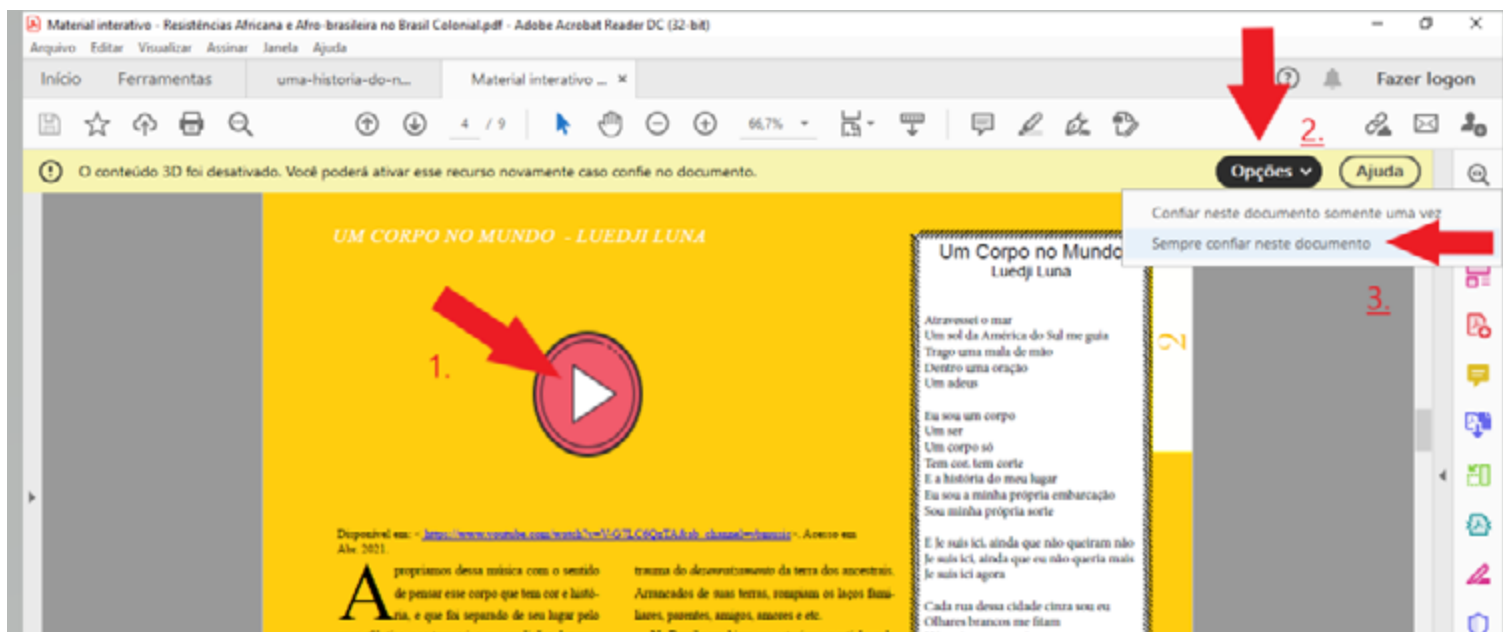
LEITE, Maria Jorge dos Santos. Tráfico Atlântico, Escravidão e Resistência no Brasil. In: Sankofa . Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana . Ano X, n. XIX agosto/2017.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/137196>

VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio da América Portuguesa: religiosidade e política. In: Revista USP, São Paulo, n. 57, p. 28 – 37, março/maio 2003.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33831/36564>

Orientação para permitir escutar música neste arquivo digital



Passo a passo:

1. Clique no ícone “play”.
2. Em seguida em “Opções”.
3. por fim, clique em “sempre confiar neste documento” ou “confiar neste documento uma vez”.

Obs:

- A música inicia ao clicar no ícone e cessa ao trocar de página.
- As músicas **não** funcionam em celular, somente no computador no aplicativo **Adobe PDF (Acrobat Reader DC)**.